

EPISÓDIO COMO UNIDADE ANALÍTICA DE FENÔMENOS SEMÂNTICO-DISCURSIVOS DE VARIAÇÃO/MUDANÇA

Raquel Meister Ko. Freitag – UFS

RESUMO

Com base nos trabalhos de Labov e Waletzky (1967), Van Dijk (2004) e Gorski (1994), discute-se a pertinência de considerar o “episódio” como unidade analítica para fenômenos semântico-discursivos variáveis que necessitam de contexto e referência para serem determinados, aplicando a proposta à análise da variação na expressão do passado imperfeito no português.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa; episódio; passado imperfeito; sociolinguística

Introdução

Partindo da premissa de que as narrativas orais são o ambiente ideal para o estudo quantitativo da variação, especialmente no plano discursivo, uma vez que são unidades naturalmente delimitadas do discurso, com uma estrutura interna regular, propiciando uma análise controlada e sistematizada dos aspectos formais e funcionais da variação¹, neste trabalho, apresento e discuto a aplicação de uma unidade de análise semântico-cognitiva para o estudo da variação na expressão do passado imperfeito no português, que possui duas formas de realização: a forma de pretérito imperfeito do indicativo (IMP) e a forma perifrástica constituída pelo auxiliar “estar” acompanhado do morfema de pretérito imperfeito do indicativo e verbo principal no gerúndio

¹ SCHIFFRIN, Deborah. “Tense variation in narrative”. *Language*, 57(1): 45-62, 1981.

(PPROG), como ilustrado com o verbo *precisar* em (1) e (2), respectivamente².

(1) Na época que eu mais precisei dele, que eu mais *precisava* de um apoio, foi quando a minha mãe morreu. (SC FLP FAP 03)

(2) Aí também foi na época que a gente voltou, a gente *estava precisando* economizar pra começar nossa vida. (SC FLP FAP 01)

As formas IMP e PPROG costumam codificar valores aspectuais tais como episódico, habitual e iterativo. Porém, as formas, por si só, são ambíguas em relação aos valores aspectuais, que são determinados a partir da interação de uma série de fatores, os quais são rotulados como o “contexto” no qual as formas ocorrem. Para verificar a ambiguidade inerente às formas, vejam-se alguns exemplos futebolísticos, extraídos do banco de dados do Projeto VAR-SUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil).

(3) a. O Figueirense *estava perdendo* muitas partidas.

b. O Figueirense *perdia* muitas partidas.

A situação *perder muitas partidas* ocorre, pelo menos, mais de uma vez. Neste caso, as formas de IMP e PPROG são ambíguas quanto aos valores iterativo e habitual. Para desambiguar as formas, pode-se pensar em um contexto A, na primeira fase do Campeonato Brasileiro de 2005, quando o time do Figueirense acabou na 24ª posição. É um intervalo determinado, pois a rodada ocorreu em um período de tempo específico. E neste caso, as formas IMP e PPROG assumem o valor iterativo. Já em um contexto B, o Figueirense é um time que vem de uma sucessão de fracassos há muito tempo. Não há uma especificação de intervalo temporal, e neste caso, o valor de IMP e PPROG é habitual. Observe-se que as formas, por si só, não codificam o aspecto; é a interação de fatores contextuais que leva a uma interpretação aspectual não ambígua. Mais um exemplo.

² FREITAG, Raquel Meister Ko. “Traços aspectuais do pretérito imperfeito do indicativo e do passado progressivo no português em contextos de variação”. *Revista Letras*, 72: 251-271, 2007.

(4) a. O Brasil perdeu para uma Argentina que não *merecia* ter ganhado nem ter chegado à final.

b. O Brasil perdeu para uma Argentina que não *estava merecendo* ter ganhado nem ter chegado à final.

A situação de *merecer* pode se referir apenas à partida disputada com o Brasil na Copa do Mundo de 1990, que foi vencida pela Argentina, e nesse caso, as formas IMP e PPROG assumem o valor episódico. A situação também pode se referir a toda a Copa do Mundo de 1990, quando a Argentina jogou com Camarões, URSS, Romênia, Iugoslávia, Itália e Alemanha (para a qual perdeu o título), caracterizando o valor aspectual iterativo. Mas situação ainda pode se referir a todo o histórico da rivalidade entre as seleções do Brasil e da Argentina, e neste caso, o valor aspectual é habitual.

Os exemplos anteriores ilustram como o contexto tem o poder de desambiguar a interpretação aspectual atribuída às formas IMP e PPROG. Mas, se o contexto tem esse poder, provavelmente não é de ordem sobrenatural... Não é por adivinhação ou por telepatia que o falante transmite ao ouvinte a noção aspectual adequada a cada situação. Considerando o pressuposto de que a língua é um sistema, a desambiguação deve se dar de modo regular (passível de sistematização). Para verificar as regularidades da atuação do contexto, é preciso definir o que é ‘contexto’ e suas decorrências, como escopo e unidade analítica. Contexto e recorte têm uma relação muito próxima nas análises sociolinguísticas. E, por conta das arbitrariedades analíticas do contexto, proponho um recorte – radical, mas necessário para garantir a viabilidade da análise e generalizações significativas – para o estudo da variação entre IMP e PPROG. Passe-se à análise de propostas de recorte.

O problema do contexto

Um fato verbal – situação – ocorre em uma oração, que pode se agrupar em período, ou frase. A frase é o espaço textual entre dois pontos³. No limite

³ Em se tratando de textos de natureza oral, o limite do ponto é arbitrariamente estabelecido pelo transcritor; neste caso está-se trabalhando com o corte frasal percebido por um elemento estranho à situação comunicativa, e que não necessariamente corresponde ao corte idealizado pelo falante.

da frase, é possível determinar a influência do item lexical ao qual a forma está vinculada e também a presença de outros itens lexicais que podem direcionar o valor aspectual, como modificadores adverbiais.

Mas o limite da frase (ou sentença, nas abordagens formais) nem sempre é suficiente como contexto⁴. Ir além da frase costuma ser uma aventura subjetiva. Limites para além dessa instância, em textos orais, não costumam ser precisos. Por exemplo, se se toma como unidade analítica a frase e o escopo de 10 unidades analíticas anteriores e posteriores ao dado em questão, em termos de distância textual, há que se pensar na possibilidade do corte arbitrário do transcritor, na alternância de turno entre falante/entrevistado e ouvinte/entrevistador, na não existência da quantidade de unidades analíticas, etc. Observe-se em (5) um exemplo de PPROG, analisado por Wachowicz⁵:

(3) O meu avô *estava brigando* com os três, né? (SC FLP 01)⁶

De acordo com Wachowicz, a situação de *estar brigando com os três* pode significar, no exemplo especificado:

- a. que ele brigou com um de cada vez.
- b. que ele brigou com dois e depois com outro terceiro.
- c. que ele brigou com os três juntos.

Em *a.* e em *b.*, as situações são iterativas; em *c.*, episódica. Ainda existe a possibilidade de o contexto quantificar a leitura como habitual, ou seja, *meu avô estava brigando com os três*, juntos ou separadamente. A forma pode, potencialmente, codificar três possibilidades de leitura aspectual: episódica, iterativa e habitual. Porém, na situação comunicativa, o contexto tem o poder de desfazer a ambiguidade. Wachowicz optou por analisar as ocorrências de PPROG apenas no nível frasal (ou sentencial), barrando a possibilidade de

⁴ Cabe ressaltar que a ambiguidade de IMP e PPROG, analisadas no escopo da frase, dá-se apenas na perspectiva do analista, uma vez que o falante e o ouvinte têm um elemento que a desfaz, o poderoso e amplo contexto.

⁵ WACHOWICZ, Teresa Cristina. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo, 2003, p. 43-44.

⁶ Na entrevista original, consta “O meu avô *estava brigando* com eles, né?”. Imagino que a especificação de “eles” tenha sido feita para ilustrar as possibilidades de leitura aspectual.

delimitar a leitura direcionada pelo contexto, apenas sendo possível lançar hipóteses sobre as possibilidades. Se considerarmos como contexto o bloco textual anterior e posterior à situação, o ‘contexto’ de (5) é (6):

(6) E no final do terreno, eu me lembro que morava uma família, então o meu avô dizia que a família não era muito, assim, muito digna, assim, muito assim, né? Que eles eram meio pinéis, assim, porque eles tinham tomado conta da casa e não queriam sair. E o meu avô *estava brigando* com eles, né? Mas diziam que eles não eram bem certos, assim. Ah, pois era pra lá que nós íamos. (SC FLP 01)

Considerando esse ‘contexto’, qual seria o valor aspectual escolhido pelo falante? E qual foi o valor aspectual percebido pelo ouvinte? E o analista, quantos valores aspectuais consegue depreender? Dada a multiplicidade de olhares, vejamos os resultados da aplicação de um teste de atitude⁷ especificamente sobre este excerto. Primeiramente, foi consenso que a situação de o avô estar brigando se dava com todos juntos, ao mesmo tempo. O número de brigas é que é variável, determinando aspecto episódico (uma única vez) ou iterativo ou habitual (mais de uma vez). E a grande maioria dos analistas interpreta a situação como em andamento (ele brigou e continua brigando até hoje), pois falta uma pista discursiva de que a situação está acabada no momento atual. A ambiguidade da situação de *estar brigando com os três*, somente com base neste excerto, cortado arbitrariamente, não é desfeita. O escopo de espaço textual não parece uma estratégia eficiente para ser adotada como recorte.

⁷ O teste de atitude foi aplicado em uma turma de *Fundamentos Gramaticais* (disciplina de 1ª fase de alguns cursos de graduação na Universidade Federal de Santa Catarina), com 42 sujeitos. Com base no excerto (4), os sujeitos eram convidados a assinalar, dentre as opções a seguir, aquelas que mais lhes parecessem adequadas:

- que ele brigou, uma única vez, com um de cada vez.
- que ele brigou, uma única vez, com todos juntos.
- que ele brigou, mais de uma vez, com um de cada vez.
- que ele brigou, mais de uma vez, com todos juntos.
- que ele brigou, e continua brigando, com um de cada vez.
- que ele brigou, e continua brigando, com todos juntos.

O episódio como contexto

Retomando os exemplos futebolísticos da seção 1, nota-se uma relação muito próxima entre contexto e delimitação temporal.

- (5) a. O Figueirense *perdia/estava perdendo* muitas partidas
b. O Brasil perdeu para uma Argentina que não *merecia/estava merecendo* ter ganho nem ter chego à final.

Os contextos sugeridos para *a.* eram 1) a primeira fase do Campeonato Brasileiro de 2005, quando o time do Figueirense acabou na 24ª posição; e 2) o Figueirense é um time que vem de uma sucessão de fracassos, há muito tempo. E para *b.*, os contextos eram 1) a partida disputada com o Brasil na Copa do Mundo de 1990, que foi vencida pela Argentina; 2) toda Copa do Mundo de 1990, quando a Argentina jogou com Camarões, URSS, Romênia, Iugoslávia, Itália e Alemanha (para a qual perdeu o título); e 3) todo histórico da rivalidade entre as seleções do Brasil e da Argentina. Os contextos criados para estabelecer valores aspectuais a (5) tratam, de uma forma mais ou menos específica, de um intervalo temporal, no qual se sucederam as situações. Tais características lembram, de forma generalizada, um tipo/sequência/gênero *narrativa*. Porém, vincular o contexto a um tipo/sequência/gênero de texto/discurso é uma tarefa escorregadia, com a qual não pretendo me comprometer, embora reconheça a influência da categoria no condicionamento de fenômenos de variação e mudança em categorias verbais⁸.

A análise da variação entre IMP e PPROG na expressão do passado imperfectivo está pautada na propriedade semântica de delimitação do intervalo da estrutura temporal. O contexto linguístico que mais propicia a ocorrência de situações com delimitação de intervalo da estrutura temporal é a *narrativa*, conforme a proposta de Labov⁹. Labov define a *narrativa* como um método de

⁸ FREITAG, Raquel Meister Ko, REIS, Mariléia Silva dos, BACK, Angela Cristina di Palma, ROST, Claudia Andrea, DAL MAGO, Diane. “O controle do gênero textual/sequências discursivas na motivação da variação linguística: apontamentos metodológicos.” *Odisseia*, 3: 1-25, 2009.

⁹ LABOV, William, WALETZKY, Joshua. “Narrative analysis: oral versions of personal experience.” (1967) In: C. Paulston & G. Tucker (eds.). *Sociolinguistics – the essential readings*.

recapitular a experiência passada através do alinhamento entre uma sequência de proposições¹⁰ e uma sequência de situações que ocorreram. A narrativa é a verbalização de experiências, um dos muitos meios disponíveis para reportar situações passadas que estão armazenadas na biografia do narrador. A propriedade fundamental para caracterizar uma narrativa é a presença de *juntura temporal*, ou seja, a ordem da sequência das proposições projeta a ordem da sequência das situações descritas. Se a alteração da ordem das proposições implicar alteração na sequência de situações descritas, há uma narrativa, não importando a extensão.

Uma narrativa é construída sobre um *evento mais reportável*, um fato que mereça ser contado, que cativa a audiência, preferencialmente um fato o mais incomum possível e que tenha o máximo de consequências para o bem-estar do falante¹¹. Basicamente, uma narrativa é constituída pela:

- (i) inserção da narrativa na estrutura conversacional por meio de um *resumo (abstract)*;
- (i) *orientação* do ouvinte para o lugar, tempo, atores e atividades da narrativa;
- (ii) organização temporal da ação de *complicação* por meio da *juntura temporal*;
- (iii) *avaliação* diferenciada das ações por meio de justaposição de situações reais ou potenciais pelo uso de predicados *irrealis*;
 1. *validação* do evento mais reportável pela credibilidade do testemunho;
 2. atribuição de elogio ou culpa em relação ao evento mais reportável, manifesto pela *integração* ou *polarização* dos participantes;
 3. *explicação* da narrativa por uma cadeia de relações causais entre o evento mais reportável e a orientação;
 4. *transformação* da narrativa aos interesses do narrador por

Oxford: Blackwell, 2003. p. 74-104.

LABOV, William. "Narrative pre-construction". *Narrative Inquiry* 16(1): 37-45, 2006.

¹⁰ *Clause*, no original. Há uma profusão de terminologias para traduzir *clause* do inglês: cláusula, oração, frase, proposição. Fiz a opção pela última por julgar a mais adequada para o contexto.

¹¹ LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

meio de apagamento de eventos objetivos e a inserção de eventos subjetivos;

- (i) término da narrativa trazendo a experiência para o presente, por meio da *coda*.

O conceito de narrativa de Labov trava relações com o de episódio de Van Dijk¹², que propõe que o episódio seja considerado como uma unidade de análise de discurso, ficando num nível intermediário entre a unidade-oração e a unidade-texto, discurso ou conversação. Para a análise da variação entre IMP e PPROG, assumo a noção de episódio como unidade de análise, tal como postula Van Dijk¹³. A seguir, discorro sobre a noção de episódio, suas propriedades semânticas e funções cognitivas, com base em Van Dijk¹⁴.

O episódio pode ser entendido, primeiramente, como um fato (aliás, essa é a acepção dos dicionários), com delimitação temporal, o que se aproxima muito dos contextos construídos para os exemplos futebolísticos. Fatos costumam ser contados em narrativas, e a associação entre episódio e narrativa é frequente. Mas isso não significa que episódios somente ocorram em narrativas. A unidade analítica episódio perpassa o tipo/sequência/gênero de texto/discurso; pode estar presente em narrativas, bem como em não narrativas, como descrições de vida, argumentações, relato de procedimentos, entre outros. Porém, o ambiente mais propício para sua ocorrência é a narrativa, e é a partir dela que o conceito de episódio é desenvolvido¹⁵.

Van Dijk¹⁶ propõe que o episódio seja considerado como unidade de análise de discurso, ficando num nível intermediário entre a unidade oração ou sentença e a unidade texto, discurso ou conversação.

Com o objetivo de manter a linguística e, especialmente a gramática, precisa e imaculada, muitos linguistas não só preferiram permanecer dentro dos limites aparentemente seguros da sentença, como também, ao mesmo tempo, tentaram desacreditar, tachando de “estranhas” à linguística ou à gramática, muitas unidades, categorias ou níveis utilizados em várias formas de

¹² VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

¹³ Op. cit.

¹⁴ Op. cit.

¹⁵ Op. cit.

¹⁶ Op. cit.

análise do discurso, admitindo-as, no máximo, dentro de uma teoria do uso da linguagem, da pragmática, da retórica e de outras teorias ou disciplinas exteriores ao seu âmbito de responsabilidade¹⁷.

Os episódios, nessa concepção, são caracterizados como sequências coerentes de sentenças de um discurso, linguisticamente marcadas quanto ao início e/ou fim e definidas em termos de uma unidade temática (mesmos participantes, tempo, lugar, evento, ação global). O episódio é uma unidade semântica cuja manifestação superficial ou expressão é o parágrafo, sem que isso signifique que seu limite esteja atrelado ao parágrafo. Segundo Van Dijk¹⁸, conceber o episódio como uma unidade semântica significa reconhecer sua relevância psicológica – como unidade em um modelo cognitivo do processamento do discurso –, e sua relevância processual na leitura, processamento e memorização do discurso.

A noção de episódio está muito próxima do nosso cotidiano. Um episódio ocorrido na nossa vida, um episódio ocorrido numa festa, um episódio da história do país, um episódio de uma narrativa. Na literatura, o romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, é um episódio doméstico; Taunay é autor de *A retirada de Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. Intuitivamente, o episódio é concebido como uma parte de um todo, que tem começo, meio e fim (termos temporais) e, tanto a parte como o todo envolvem sequências de eventos ou ações, que garantem uma unidade conceitual (que se manifesta por meio de *tópico, tema, ponto central*, associação discutida mais aprofundadamente por Gorski)¹⁹. Um episódio pode ser considerado uma unidade independente, mas essa independência é relativa: uma guerra pode ser um episódio da história de uma nação, uma batalha pode ser um episódio de uma guerra, uma ação heroica de um grupo de soldados pode ser um episódio de uma batalha. O recorte do episódio parece ser arbitrário. Nos casos acima, além da noção temporal e da identidade de participantes, o aspecto unificador que garante a unidade conceitual aparece por meio de termos como *guerra, batalha, ataque*. A noção intuitiva de episódio está relacionada com narrativa ou relato de ações ou eventos. A

¹⁷ Op. cit., p. 100.

¹⁸ Op. cit.

¹⁹ GORSKI, Edair. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

sequência de sentenças que denota o episódio tem início, meio e fim marcados e certa unidade conceitual. Van Dijk sugere a extensão do conceito de episódios a outros tipos de discurso, ou seja, não apenas ao discurso de evento ou ação, que é o caso da narrativa (o que é tratado mais adiante)²⁰.

Se o episódio será considerado como categoria analítica, é preciso definir as propriedades semânticas que o caracterizam. Em termos semânticos, o episódio é uma sequência de proposições específicas, globalmente coerente (ou seja, está subsumida sob uma proposição mais global, a macroproposição). A macroproposição garante a unidade global de uma sequência discursiva, conhecida como tema, tópico, ponto principal²¹.

A macroproposição é derivada de sequências de proposições de um discurso, tanto das locais, expressas textualmente, como pela informação implícita de conhecimento ou crença, *frames* e *scripts*, por meio de macrorregras recursivas de mapeamento semântico, que apagam, generalizam ou constroem informação local em conceitos mais gerais, mais abstratos ou globais, as macroproposições.

Uma macroproposição apresenta, por definição, um predicado central e certo número de participantes, denotando também uma propriedade, evento ou ação importante ou global e participantes centrais de um discurso. A base textual de cada macroproposição é, assim, uma sequência que denominamos “episódio”. Em outras palavras, episódio é uma sequência de proposições que pode ser subsumida por uma macroproposição²².

Como as macrorregras operam recursivamente, de modo que existam macroproposições em vários níveis, a extensão do episódio é variável. Teoricamente, mesmo o discurso como um todo pode ser considerado um episódio. Se for considerado como uma categoria analítica, é preciso especificar quais os critérios para definir os limites de um episódio. Van Dijk²³ enumera uma série de pistas discursivas, “sinais” gramaticais, que sinalizam o início de um episódio, as quais são sistematizadas no quadro 1.

²⁰ O conceito de episódio é proposto na análise da estrutura da narrativa. Van Dijk (op. cit.) estende a análise para notícias jornalísticas, utilizando como unidades de análise o episódio – constituído por situação e acontecimento, que, por sua vez, é composta por complicação e resolução – e outras duas supercategorias opcionais, a avaliação e a moral.

²¹ “Gancho” aproveitado por Gorski (op. cit.), discutido na sequência.

²² VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 103-104.

²³ Op. cit.

Quadro 1: Pistas discursivas caracterizadoras de episódios²⁴

1. *Pausas e fenômenos de hesitação (preenchedores, repetição no discurso oral);*
2. *Sinalização de parágrafo no discurso escrito;*
3. *Marcadores de mudança temporal (nesse meio tempo, no dia seguinte, etc.);*
4. *Marcadores de mudança de lugar (em Amsterdã, na outra sala, etc.);*
5. *Marcadores de mudança de 'elenco': introdução de novos referentes (frequentemente com artigos indefinidos) ou reintrodução de referentes 'velhos' (com frases nominais completas em lugar de pronomes);*
6. *Predicados de introdução ou mudança de mundos possíveis (contar, crer, sonhar, etc.);*
7. *Introdução de predicados que não possam ser subsumidos debaixo do mesmo (macro)predicado elou que não combinem com o mesmo script ou frame;*
8. *Marcadores de mudança de perspectiva, por meio de diferentes participantes 'observadores' ou diferenças na morfologia temporal/aspectual do verbo, estilo (livre) (in-)direto.*

Um novo episódio é caracterizado no momento em que há uma mudança de tempo e lugar (uma cena), em que um elenco diferente de participantes e um novo evento ou ação global estão sendo introduzidos. Porém, para Van Dijk²⁵, a delimitação de episódios está relacionada com a importância atribuída às macroproposições. Nem toda macroproposição pode ser considerada um episódio. O episódio precisa ter uma função específica no discurso. Tome-se uma sequência de eventos e ações do início de uma história sobre uma festa. Se a sequência for subsumida por uma macroproposição tal como “Eu fui convidado para uma festa” ou “Eu saí”, não pode ser considerada como um episódio. Para Van Dijk²⁶, a macroproposição inicial não é considerada um episódio porque não tem uma função específica no discurso²⁷, apenas define o pano de fundo para o episódio em termos de tempo, espaço e participantes; é uma macroproposição estereotípica relativamente a *frames* e *scripts*. Já a macroproposição “Fiquei embriagado e sofri um acidente” não é estereotípica, e pode ser caracterizada como episódio.

²⁴ Op. cit., p. 105.

²⁵ Op. cit.

²⁶ Op. cit.

²⁷ Van Dijk (op. cit.) considera a função do episódio dentro do discurso jornalístico, que está relacionado à complicação. A macroproposição inicial possui função no discurso – de preparar ou compor ações ou eventos mais globais – mas não tem uma meta em si mesma; faz parte de uma ação de nível mais alto.

Proposições que têm natureza episódica (isto é, que definem um episódio textual), são aquelas que não são estereotípicas em relação a *frames* e *scripts*, que não podem ser subsumidas por macroproposições de nível mais alto e que têm uma função específica no discurso como um todo. Em outras palavras, os episódios requerem tipicamente metas globais dos participantes, ou ações e eventos que frustram, obstaculizam ou ameaçam a realização de tais metas, chamados de “incidentes”²⁸.

Finalmente, se episódios são assumidos como componentes semânticos, possuem funções de natureza cognitiva, relacionadas com o processamento e organização das informações, como explicitado no quadro 2.

Quadro 2: Funções cognitivas dos episódios²⁹

1. *Como uma unidade adicional na organização de sequências textuais de proposições, ele oferece possibilidades de agrupamentos, isto é, organização adicional ao texto, que em geral permite uma representação mais estruturada na memória e, especialmente, mais fácil recordação.*
2. *Os episódios são a manifestação textual de macroproposições; adequadamente marcados, eles permitem, pois, estrategicamente, uma derivação mais fácil de macroproposições e, portanto, compreensão melhor e mais rápida do texto como um todo, bem como melhor recuperação e recordação.*
3. *Os episódios podem ser associados com várias funções textuais e cognitivas, por exemplo, categorias narrativas de uma história, ou como portadores de ‘interesse’ ou ‘importância’ para certos segmentos textuais e, talvez, (para certos tipos) de funções pragmáticas: a conclusão de um argumento ou a coda de uma estória podem indicar qual inferência prática geral deveria ser estabelecida, ou o que deveria ser conhecido, acreditado, realizado.*
4. *Os episódios podem ser o locus para estratégias de coerência local: relações de coerência entre fatos, (re-)identificação de referentes por meio de pronomes, possibilidade de deixar implícitas indicações de espaço e tempo podem ter lugar dentro dos limites de um episódio: os usuários da língua, portanto, não necessitam procurar pela informação relevante em toda a representação do discurso precedente na memória, mas apenas na representação do episódio em curso.*

Van Dijk³⁰ sugere alguns campos de pesquisa para a consolidação do episódio como unidade de análise de discurso: (i) a manifestação dos marcadores de episódio na superfície; (ii) a caracterização das macroproposições subsumidoras de episódios; (iii) a organização interna dos episódios; e (iv) investigação

²⁸ Op. cit., p. 106.

²⁹ Op.cit., p. 116-117.

³⁰ Op. cit.

empírica das propriedades cognitivas. Mas, sobretudo, Van Dijk³¹ sugere a extensão do conceito de episódio como unidade de análise do discurso a outros tipos de discurso além da narrativa.

Ainda na linha semântico-cognitiva, Tomlin³² propõe uma abordagem baseada em episódio/parágrafo temático, articulando uma conexão natural entre duas unidades linguísticas: o parágrafo e o seu equivalente psicológico, a capacidade limitada da memória de trabalho. Episódio é definido por Tomlin como uma unidade semântica na organização discursiva consistindo por um conjunto de proposições regidas por uma macroproposição ou nível temático do parágrafo, com os limites cognitivos estabelecidos em termos de mudança de foco de atenção no fluxo da informação. Um episódio prototípico pode ter entre 5 e 8 proposições, mas isso não significa que seja definido em função da sua extensão em proposições. Podem haver episódios maiores ou menores, desde que seja preservada a unidade temática que o caracteriza. Além disso, entre o episódio e a proposição, existe uma unidade intermediária, o evento. O conceito de evento fica adormecido por alguns parágrafos; é retomado a seguir.

Assumindo a noção de episódio como unidade analítica, Gorski³³ apresenta uma proposta de vincular os dois níveis de abordagem de tópico – textual/discursivo e frasal – unificando as abordagens, partindo da associação feita por Van Dijk³⁴ entre episódio/macroproposição e tópico. Para tanto, concebe a narrativa estruturada em três planos:

- (i) plano semântico-cognitivo: episódios e eventos (percepção e armazenamento dos fatos).
- (ii) plano semântico-discursivo: tópicos e subtópicos (organização das informações no discurso).
- (iii) plano sintático-discursivo: unidades de codificação linguística [UCE] (concretização da organização linguística).

³¹ Op. cit.

³² TOMLIN, Russel *Coherence and ground in discourse: typological studies in language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.

³³ GORSKI, Edair. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

³⁴ VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004

Os planos constitutivos da narrativa estão organizados hierarquicamente conforme o quadro 3.

Quadro 3: Estrutura dos planos da narrativa³⁵

Narrativa		
Episódio ₁	Episódio ₂	Episódio _n
Evento ₁Evento _n	Evento ₁Evento _n	Evento.....Evento _n
UCE.....UCE	UCE.....UCE	UCE.....UCE

Gorski³⁶ conceitua o *episódio* como unidade semântico-discursiva, constitutiva do texto narrativo, e que consiste em um conjunto de eventos relacionados e governados por um tópico central. E o *evento*, unidade semântico-discursiva, constitutiva do episódio, que corresponde a um centro de interesse que contém ações/estados com graus variáveis de integração e governados por um subtópico geral. A segmentação em episódios e em eventos permite que falante, ouvinte e analista processem melhor e mais rapidamente o texto, dado que pequenas porções de informação são sequenciadas por vez. É uma estratégia de coerência, pois propicia a identificação de referentes, tempo e espaço, além de informações relevantes do episódio em curso.

Gorski³⁷ assume os postulados de Van Dijk³⁸ para determinar os critérios de delimitação de episódios, que estão relacionados à mudança de cenário, envolvendo localização espaçotemporal e participantes. Já os critérios para a delimitação de eventos³⁹ tomam a noção de integração, de base semântico-cognitiva, considerando aspectos como perfectividade, duração, cotemporalidade, ancoragem e fundo integrador. Vejam-se as aplicações de cada um deles.

³⁵ GORSKI, Edair. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994. p. 35.

³⁶ Op. cit.

³⁷ Op. cit.

³⁸ VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

³⁹ TOMLIN, Russel. *Coherence and ground in discourse: typological studies in language*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1987.

Episódio: unidade semântico-cognitiva correspondente a um cenário constituído por um conjunto de eventos relacionados entre si e discursivamente recobertos por um tópico temático.

Evento: unidade semântico-cognitiva que corresponde a um centro de interesse contendo ações/estados com graus variáveis de integração discursivamente recoberto por um subtópico discursivo.

Assumindo os critérios postulados por Van Dijk⁴⁰, a mudança de cenário é o principal critério adotado por Gorski para determinar os episódios, pois a passagem de uma unidade a outra está relacionada à reorientação em termos de espaço, tempo e pessoas (componentes associados entre si ou não). Já a segmentação em eventos está fundamentada no critério de sequencialidade e figuridade. Gorski⁴¹ ilustra a aplicação dos critérios com a segmentação da narrativa “Travessuras com a bicicleta”, no quadro 4⁴².

Quadro 4: Travessuras com a bicicleta⁴³

A minha já é bem mais assim cômica tá é uma travessura / eu tinha oito anos de idade / aí tava na moda andar de bicicleta a pessoa em pé atrás né // aí o pessoal combinamos de descer a rua / aí foi eu e uma amiga // na volta quando a gente tava subindo a gente viu um casal de namorados assim naquele beijo lá no muro né / aí minha colega vamo lá ver como é que é num sei o que pequenininha né ali atrás / ela subiu com a bicicleta com toda força em cima da calçada / só que aconteceu um imprevisto em vez da gente passar discretamente a bicicleta entrou no meio do casal aí ia dar um soco na testa do homem minha colega entrou no meio com a bicicleta uma confusão só / aí a gente na volta levou um monte de fora do casal que não sei o que não sei o que lá // aí quando a gente voltou a gente ria tanto mas ria tanto que a gente não tinha nem força pra pedalar a bicicleta pra subir a rua né / aí tive que volta tudo a pé /// é curtinha (N10-3F-AMV)

⁴⁰ VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

⁴¹ GORSKI, Edair. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

⁴² A segmentação de episódios é marcada por duas barras inclinadas (//) e a segmentação de eventos é marcada por uma barra inclinada (/).

⁴³ Op. cit., p. 109.

A narrativa “Travessuras com a bicicleta”, de acordo com a segmentação de Gorski, é composta por quatro episódios e 12 eventos.

Episódio 1: contextualização: caracteriza o relato, situa o fato no tempo, apresenta os participantes e o tópico global.

Evento 1: caracterização do relato

Evento 2: localização temporal

Evento 3: descrição da situação

Episódio 2: a descida da rua: há mudança de cenário (descida da rua) com início da seqüência de ações.

Evento 1: a resolução de descer

Evento 2: a descida

Episódio 3: a subida da rua com a cena do beijo: há nítida mudança de cenário (volta: subindo a rua) com sucessão de ações desencadeadas e agrupadas sob um tópico comum.

Evento 1: visão do casal

Evento 2: decisão de aproximação

Evento 3: aproximação do casal

Evento 4: interrupção do beijo

Evento 5: reação do casal

Episódio 4: o retorno: há deslocamento de cenário (volta: término da ação) e o fechamento da narrativa.

Evento 1: impossibilidade de pedalar

Evento 2: volta a pé

Primeiramente, passe-se à discussão da noção de episódio e sua aplicação. A segmentação proposta por Gorski⁴⁴ considera os critérios de Van Dijk⁴⁵, que podem ser resumidos à mudança de cenário e participantes. O episódio 1, *contextualização*, a rigor, não indica uma mudança de cenário; é, como a própria macroproposição indica, uma contextualização para o desenvolvimento dos episódios seguintes. Embora possa ser subsumida por uma macroproposição, a seqüência inicial da narrativa, conforme Van Dijk⁴⁶, não deveria ser con-

⁴⁴ Op. cit.

⁴⁵ VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

⁴⁶ VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

siderada episódio, já que consiste de preparativos para o desenrolar das ações propriamente ditas, é uma macroproposição estereotípica relativamente a *frames* e *scripts*. Gorski⁴⁷ denomina esta porção da narrativa de ‘macroepisódio’ ou contextualização, que é a macroproposição que define a localização e caracterização espaçotemporal, apresentação ou caracterização dos participantes. O macroepisódio assinala a abertura da narrativa, contextualizando situacionalmente o que vai ser relatado e funcionando como ‘pano de fundo’ para os demais episódios.

A narrativa “Travessuras com a bicicleta” é constituída por um macroepisódio, ou contextualização, e três episódios que podem ser subsumidos pelas macroproposições: “a descida da rua”, “a subida da rua com a cena do beijo” e “o retorno”. As macroproposições que subsumem os episódios são construídas com verbos dinâmicos, que indicam movimento e mudança de espaço e tempo, decorrência da aplicação do critério de mudança de cenário.

A segmentação da narrativa em episódios e a descrição da constituição dessa unidade indicam:

- isomorfismo sistemático entre a ordenação cronológica e a codificação sequencial;
- encaminhamento sequencial das ações;
- produtividade do critério mudança de cenário;
- possibilidade de se considerar o episódio como uma unidade analítica;
- organização hierarquizada das informações.

Uma consideração a ser feita é quanto à relação entre escopo (tamanho de massa textual) e episódio. Em uma narrativa com cerca de 10 linhas, há três episódios, mais a contextualização. Quantos episódios terá uma entrevista sociolinguística, com cerca de 1h de gravação transcrita, o que em volume textual equivale a 10 páginas? As pequenas narrativas que serviram de objeto de análise para Gorski⁴⁸ são construídas em torno de um tópico central conciso (no caso, “travessuras com a bicicleta”). Mas em entrevistas sociolinguísticas,

⁴⁷ GORSKI, Edair. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

⁴⁸ Op. cit.

que têm um roteiro com assuntos bastante diversificados, como agrupar os episódios, alguns sem relação direta entre si? Bernardo⁴⁹, tomando as noções de episódio e evento de Gorski⁵⁰ e aplicando-as à conversa informal, definiu a unidade macroepisódio como sendo as partes maiores da conversa, que, por sua vez, foram divididos em episódios e eventos. Se estivesse dentro de uma entrevista sociolinguística, “travessuras com a bicicleta” possivelmente seria segmentado como um macroepisódio. A hierarquia de unidades proposta aqui é narrativa → macroepisódio → episódio → evento.

Agora, passe-se aos eventos. O conceito de evento costuma ser vinculado à ideia de ação, cuja função é encaminhar cronologicamente as ações, mas também corresponder a ações que dão continuidade ao relato, podendo constituir em estados ou situações descritivas que acompanham o segundo plano.

Em suma, a discussão aqui travada teve o intuito de evidenciar que a noção de episódio (e evento), tal como sugerido por Van Dijk⁵¹, pode ser expandida para além da narrativa. Ou seja, o episódio não é um componente da narrativa, mas é uma analítica que perpassa o tipo textual.

Proposta de classificação

Assumindo os pressupostos de Labov⁵², de Van Dijk⁵³ e de Gorski⁵⁴, a definição das unidades analíticas constituintes da narrativa é:

- *Episódio* é uma unidade semântico-cognitiva, com delimitação espaçotemporal, formada por um conjunto de eventos causalmente relacionados delimitados por um tópico.

⁴⁹ BERNARDO, Sandra. “Episódio e evento na organização tópica da conversa informal.” *Philologus*, 6 (18): 117-133, 2005.

⁵⁰ GORSKI, Edair. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

⁵¹ VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

⁵² LABOV, William. “Narrative pre-construction”. *Narrative Inquiry* 16(1): 37-45, 2006.

⁵³ VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

⁵⁴ GORSKI, Edair. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

- *Evento* é uma unidade semântico-discursiva, constitutiva do episódio, que corresponde a uma unidade de ação, com mudança entre os estados de coisas inicial e final, constituído por situações.
- *Situação*, ou fato verbal, é uma unidade sintático-semântica, composta de um predicado mais os seus argumentos, para a qual um valor de verdade pode ser atribuído. O limite de uma situação não está condicionado ao limite da frase; uma frase pode ter uma ou mais situações.

O episódio ‘herda’ da narrativa algumas características constituintes, tais como a delimitação espaçotemporal (as unidades têm uma delimitação temporal explicitada e ocorrem em um local específico); uma mudança de estado de coisas; a delimitação tópica (as unidades têm pelo menos uma linha tópica que as une, sendo que obrigatoriamente sujeito-ator, animado ou inanimado, agente ou paciente. O rompimento desta linha significa mudança de episódio); e a relação de causalidade entre os eventos. Na verdade, o episódio é uma micronarrativa, inserida dentro de um bloco textual maior, que pode ser inclusive a narrativa propriamente. Nem sempre o episódio apresenta todos os constituintes bem demarcados. Uma única frase pode ser considerada episódio (e ao mesmo tempo, evento e situação), desde que apresente as características definidas.

A segmentação em episódios, eventos e situações permite que falante, ouvinte e analista processem melhor e mais rapidamente o texto, dado que pequenas porções de informação são sequenciadas por vez. É uma estratégia de coerência, pois propicia a identificação de referentes, tempo e espaço, além de informações relevantes do episódio em curso. Vejamos a seguir a aplicação da noção de *episódio*, *evento* e *situação* a um excerto das entrevistas sociolinguísticas focalizando a expressão do passado imperfectivo por IMP e PPROG.

Quadro 5: Excerto de entrevista sociolinguística do banco de dados VARSUL

E Alguma vez, assim, teve alguma tragédia que tivesse alguma coisa, assim, algum perigo grave que tu achaste que ia te acontecer alguma coisa?

F Ah, aconteceu sim. Nós fomos, eu me lembro que nós fomos pra uma praia, é Caieira. Conheces essa praia? Pois é, é aqui, né? Aliás, como pra variar, né? a gente começou, assim, a andar pela estrada, foi, foi, foi. ₁ Aí chegou num determinado ponto, a gente *queria*¹ voltar pela praia, pelas pedras, né? Porque tinha uma parte que *adentrava*² no mar e *voltava*³ pelas pedras, né? E era bem perigoso. E a gente foi.₂ Aí eu disse: “Meu Deus do céu”, foi um desespero, foi um desespero! Não *dava*¹ pra voltar. Chega uma determinada hora que não dá mais pra voltar. E o mar *estava subindo*.² Foi uma coisa horrorosa, sabes?₃ Ali, não sei, ali na hora, eu fiquei com medo porque eu *achava*¹ que a gente não ia conseguir mais voltar, né? Tu vias a praia, tudo, mas não tinham condições. As pedras, chegando nesse ponto, eram muito, *ficavam*² muito dentro da água, porque a maré *estava subindo*.³ Então não *dava*.⁴ ₄ Nesses dias, essa época aí, esse dia, né? não seria época, dia, foi uma coisa que me marcou muito. Eu tive bastante medo. Na época, não era mais uma brincadeira, não era como a gente fazia de escuro, de pular dentro do buraco. Não era mais uma brincadeira, aí era uma coisa verdadeira mesmo. É que estava todo mundo ali e não *tinha*¹ ninguém pra ajudar a gente, né? ₅ Aí eu lembro que a gente, assim, se deu as mãos e a gente rezou muito, muito, muito. Aí depois disso, acho que, né? depois da prece que a gente fez, a gente, daí, conseguiu passar. Mas foi, assim, uma coisa assustante, pra gente, porque a gente era pequena, uma coisa assustadora. A gente era pequena. Então foi bem, isso me marcou bastante.₆ (SC FLP 01)

A convenção para as indicações dos constituintes é a seguinte: o sublinhado indica as âncoras temporal e espacial dadas textualmente; o índice subscrito (_n) indica a delimitação e o número de ordem do evento; e o índice sobrescrito (ⁿ) indica a delimitação e o número de ordem da situação (foram consideradas apenas as situações que codificam dados de análise – IMP e PPROG).

O excerto atende aos critérios determinados para a caracterização de narrativa episódica. A narrativa episódica “situação de perigo”, desencadeada pela pergunta-gatilho da entrevistadora, está situada temporal e espacialmente. O ponto de referência temporal é determinado a partir da fala da entrevistadora, que pergunta se alguma vez a falante enfrentou um perigo grave ou tragédia. A falante responde afirmativamente e detalha a delimitação espacial: a praia de Caieira, e o ponto de referência temporal é dado e retomado no decorrer da narrativa (“aconteceu”, “nesse dia aí”), no processo de ancoragem. Existe

um tópico temático, já determinado pela pergunta da entrevistadora (enfrentamento de um perigo ou tragédia). E ocorre mudança de cenário, o que é evidenciado pela sucessão de eventos constituintes da narrativa episódica.

A unidade de análise deixa de ser a narrativa e passa a ser a narrativa episódica. A adoção da narrativa episódica como unidade analítica possibilita a desvinculação do tipo de texto e facilita a determinação do ponto de referência – elemento fundamental para a caracterização do passado imperfeito no português.

Análise do passado imperfeito

Considerando a noção semântico-cognitiva de episódio, evento e situação, a investigação do fenômeno variável da expressão do passado imperfeito tomou como corpus 36 entrevistas do Banco de Dados VARSUL relativas à cidade de Florianópolis, estratificadas quanto ao sexo, tempo de escolarização e faixa etária dos indivíduos. Foram coletadas 882 ocorrências de passado imperfeito dentro da unidade analítica *episódio*, das quais 546 realizadas pela forma IMP e 336 realizadas pela forma PPROG. Os dados foram categorizados e submetidos à análise estatística. Os resultados apontam que, apesar de ambas as formas desempenharem a mesma função semântico-discursiva, funcionando como variantes de uma mesma variável linguística, há contextos de recorrência específicos.

Especificamente, a aplicação da noção de episódio, evento e situação às entrevistas sociolinguísticas que serviram de corpus para a análise da expressão do passado imperfeito permitiu verificar a influência das motivações semântico-cognitivas na variação, especialmente a atuação do princípio da marcação⁵⁵ e da equilibrção cognitiva⁵⁶. Para a expressão do passado imperfeito analisada no nível do episódio, a forma IMP, estruturalmente mais simples, tende a ser mais recorrente com situações que são classificadas como longas (em oposição a situações instantâneas/curtas, menos complexas) e de polaridade negativa

⁵⁵ GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995. GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

⁵⁶ DUBOIS, S., VOTRE, Sebastião Josué. *Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico: à procura da essência da linguagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

(em oposição à polaridade positiva/afirmativa, menos complexa). A menor complexidade estrutural de IMP (*precisava*) é equilibrada por sua recorrência em contextos considerados mais complexos; o mesmo pode ser dito de *estar*IMP + Vndo (*estava precisando*), forma estruturalmente mais complexa, cuja complexidade estrutural é compensada pela recorrência em contextos menos complexos.

Considerações finais

A análise da variação em categorias verbais – especialmente as que partem de uma ótica funcionalista, ou consideram os aspectos semântico-discursivos do fenômeno – requer a adoção de uma unidade analítica que dê conta do contexto, especialmente quando os fenômenos são influenciados pela referência. Para o estudo da expressão variável do passado imperfeito no português, a unidade ‘episódio’ mostrou-se funcionalmente aplicável e produziu resultados significativos, resolvendo de modo satisfatório as limitações impostas pelo contexto. Desejável seria continuar testando sua funcionalidade em outros fenômenos e consolidá-la como um componente analítico de fenômenos semântico-discursivos.

ABSTRACT

Based on Labov & Waletzky (1967), Van Dijk (2004) and Gorski (1994) works, in this text is discussed the pertinence of “episode” as an analytic category for semantic-discursive phenomena which need of the context and the reference in definition. This purpose is applied at variation in Portuguese past imperfective expression.

KEYWORDS: narrative, episode, imperfective past, sociolinguistic.

Recebido: 30/04/2010

Aprovado: 09/06/2010